

# J. KENNER

A nova série da vencedora do prémio  
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

## Recebe-me



Para os fãs  
dos livros de  
E L James  
e Sylvia Day

Ela tenta resistir-lhe.  
Mas acaba por ceder  
ao desejo.

TOP  
SEL  
LER

Jackson Steele acabou de beber o seu uísque, bateu com o copo no bar de granito polido e pensou pedir outro.

Bem precisava dele — isso era certo — mas provavelmente seria melhor manter as ideias claras antes de responder à convocatória do seu irmão.

*Irmão.*

Ora aí está uma coisa que ele não dizia todos os dias. Raios, tinha passado a vida inteira a evitar dizê-lo. Tinham-lhe dito que não podia dizê-lo. «Por vezes, as famílias têm segredos», dizia o pai.

Que grande verdade!

O grande e glorioso Damien Stark — um dos homens mais ricos e poderosos do mundo — não fazia a mínima ideia de que tinha o mesmo pai que Jackson.

Mas, dali a 15 minutos, ficaria a saber. Porque Jackson ia contar-lhe. *Tinha* de lhe contar.

Merda.

Ergueu a mão para chamar a atenção do *barman* porque, que se lixasse, naquele momento precisava mesmo de outra bebida.

O *barman* assentiu com a cabeça, serviu dois dedos de *Glenmorangie*, sem gelo, e deslizou o copo de volta para Jackson. Hesitou, de pano para limpar o balcão na mão, até que por fim Jackson ergueu a cabeça e o fitou.

— Mais alguma coisa? — perguntou Jackson.

— Desculpe. Não.

Era mentira, claro, e, enquanto Jackson continuava a observá-lo, as bochechas do *barman* ficaram rosadas.

O *barman*, cujo crachá o identificava como sendo Phil, tinha vinte e poucos anos e, com o cabelo penteado para trás e o fato escuro feito por medida, parecia ser uma parte tão fundamental do Gallery Bar — epítome do *glamour* e do entusiasmo dos anos 1920 — como o soalho polido, os lustres brilhantes e os entalhes decorativos que preenchiam e ocupavam aquele espaço.

O histórico hotel Millenium Biltmore sempre fora um dos seus locais preferidos em Los Angeles. Quando era adolescente e apenas sonhava vir a ser arquiteto, ia ali sempre que podia, normalmente implorando a algum amigo com carro que o levasse desde San Diego e o deixasse na baixa. Vagueava pelo hotel, assimilando a arquitetura de inspiração renascentista italiana e espanhola, que se enquadrava tão bem na localização californiana. Os arquitetos Schultze e Weaver encontravam-se entre os ídolos de Jackson, que passava horas a analisar os pormenores ínfimos de cada elemento, desde as intrincadas colunas e portas, aos tetos com vigas de madeira exposta, passando pelos corrimões de ferro forjado e pelos elaborados entalhes de madeira.

Como em qualquer edifício excepcional, cada divisão tinha a sua própria personalidade, apesar de haver elementos comuns a dar-lhe continuidade. O Gallery Bar já era há muito o espaço preferido de Jackson, a música ao vivo, a luz intimista, a excelente carta de vinhos e uma ementa extensa acrescentavam valor a um espaço já de si impagável.

Agora, Phil encontrava-se atrás do longo balcão de granito que servia como um dos pontos de atração do espaço. Atrás dele, um acervo de belos uísques dançava sob o brilho da iluminação ténue da sala. De ambos os lados, emolduravam-no anjos esculpidos em madeira e, na mente de Jackson, parecia que os três — anjos e homem — pairavam sobre ele, a julgá-lo.

Phil pigarreou, apercebendo-se, aparentemente, de que não se tinha mexido.

— Peço desculpa — disse, começando a limpar o balcão com gestos exuberantes. — Acho que o conheço de algum lado.

— Devo ter uma cara comum — replicou Jackson com secura, sabendo perfeitamente que Phil sabia quem ele era.

Jackson Steele, famoso arquiteto. Jackson Steele, tema do documentário *Stone and Steele*, que tinha, recentemente, estreado no Chinese Theatre. Jackson Steele, a mais recente adição à equipa da Estância Cortez, uma Propriedade de Férias Stark.

Jackson Steele, posto em liberdade no dia anterior sob fiança depois de ter agredido Robert Cabot Reed, realizador, produtor e ser humano absolutamente abjeto.

Esta última parte, claro está, teria sido o que alertou Phil para a existência de Jackson. Afinal de contas, estava em Los Angeles e, em Los Angeles, tudo o que estivesse relacionado com a indústria do entretenimento surgia nas notícias. Esqueçam a economia ou os conflitos internacionais. Na Cidade dos Anjos, Hollywood impõe-se a tudo o mais. E isso significava que a fotografia de Jackson tinha surgido em todos os jornais, na televisão local e nas redes sociais.

Não se arrependia. Da agressão. Nem da detenção. Nem sequer se arrependia do envolvimento da comunicação social, embora soubesse que iria ser investigado. E que se as investigações fossem a fundo, encontrariam uma panóplia de razões para Jackson poder querer dar cabo do patético Sr. Reed.

Ainda assim, não estava arrependido.

Raios, quando muito desejava repetir tudo outra vez, porque os poucos socos que pudera dar a Reed só tinham sido satisfatórios no momento. Mas sempre que pensava nisso — sempre que imaginava o que o filho da mãe fizera a Sylvia — sabia que não tinha feito que chegasse.

Devia ter matado o cabrão.

Pela maneira como magoara a mulher que Jackson amava, Robert Cabot Reed merecia morrer.

Ela só tinha 14 anos nessa altura. Era uma criança. Inocente. E Reed tinha-a usado. Tinha-a violado. Tinha-a humilhado.

Na altura ele era fotógrafo e ela a sua modelo. Uma posição de poder e confiança que ele pervertera, tornando tudo vil e imundo.

Ele magoara a rapariga e perturbara a mulher.

E Jackson não conseguia pensar em algo suficientemente mau que pudesse acontecer a um homem assim.

Fechou os olhos e pensou em Sylvia. No seu corpo pequeno e esguio que tanto gostava de abraçar. No dourado que lhe realçava o cabelo castanho-escuro, dando um ar luminoso ao seu rosto. Credo, queria-a ao seu lado naquele momento. Queria entrelaçar os seus dedos nos dela e abraçá-la com força. Queria a força dela, ainda que ela nem tivesse noção de como era forte.

Mas aquilo era algo que ele tinha de fazer sozinho. E que precisava de fazer de imediato.

Deslizou do banco e deixou uma nota de cinquenta no balcão.

— Fique com o troco — disse, enquanto os olhos de Phil se arregalaram.

Saiu do bar, atravessando apressadamente o elegante átrio do hotel até à entrada principal que dava para South Grand Street. A Torre Stark ficava mesmo ao cimo da colina, seguindo para este. Era uma noite fresca de outubro e o edifício brilhava a contrastar com o céu escuro como breu. Naquele momento, Damien Stark devia estar no apartamento do último andar com a mulher, Nikky, provavelmente a desfazerem as malas ao voltarem de um fim de semana prolongado em Manhattan.

A segunda assistente de Stark, Rachel Peters, tinha telefonado a Jackson nessa manhã.

— Ele volta de Nova Iorque esta noite — dissera-lhe. — E quer vê-lo amanhã, às oito em ponto, antes da habitual reunião de terça-feira.

— Por causa da estância? — fez a pergunta casualmente, como se não conseguisse pensar noutra razão para que Stark o quisesse ver.

— Ele não disse. Mas eu penso... ou melhor, presumo — ele ouviu-a respirar fundo antes de baixar a voz para um sussurro teatral. — Não acha que poderá ser por causa da detenção? E de toda a cobertura da comunicação social?

Abanou a cabeça perante tal memória, meio irritado, meio divertido. *Convocado, foda-se.*

Se fosse simplesmente uma questão de trabalho, ele teria esperado pela manhã e comparecido à hora marcada. Mas era uma questão pessoal e ele tinha de tratar daquilo de imediato.

Tinha telefonado para a segurança e sabia que o helicóptero de Stark aterrara há mais de uma hora. Também sabia que Damien iria passar a noite no apartamento da Torre, não querendo conduzir até à sua casa de Malibu.

Eram oito da noite de segunda-feira e estava na hora de Damien conhecer a verdade.

À medida que subia a colina, Jackson ia pensando na velocidade com que as coisas se tinham alterado. Um mês antes, mais depressa comeria pregos do que trabalharia para Damien Stark. Mas depois Sylvia abordara-o com o tipo de projeto que era um sonho para qualquer arquiteto. Conceber uma estância de raiz. E não uma estância qualquer, mas antes uma estância localizada numa ilha privada. E ela dava-lhe carta branca.

A proposta surpreendera-o por variadíssimas razões, não sendo a menor delas o facto de cinco anos antes ela ter deixado um buraco no seu coração, ao terminar brutal e permanentemente o relacionamento entre ambos.

A perda tinha-o devastado e ele transpusera a raiva para o ringue e para o trabalho. Vencendo — e perdendo — combate após combate. Enterrando-se em encomendas, com a reputação a crescer à medida que os seus projetos se tornavam cada vez mais ambiciosos.

O trabalho poderia ter sido a sua salvação, mas trabalhar para ela — raios, trabalhar para o Stark — não era algo que estivesse preparado para fazer. Sabia perfeitamente bem que não suportaria a dor de estar perto de Sylvia. De trabalhar tão intimamente com ela.

E quanto a Stark... Jackson tinha muitas razões para não querer trabalhar com aquele homem, nem confiar nele, sendo uma das mais importantes o facto de não querer ver o seu trabalho diminuído pelo nome e pelo logótipo de Stark.

Mas a vingança é um poderoso incentivo.

Assim, aceitara, determinado a levá-la até ao limite do prazer. A reclamá-la. A tê-la tão próxima de si que ela não seria capaz de ver mais ninguém, de sentir mais ninguém, de sonhar com mais ninguém. E depois, quando ela estivesse completamente embrenhada na sua rede, ele cortaria as amarras e afastar-se-ia, deixando a estância em apuros e Sylvia exatamente da mesma maneira que ela o deixara, a afogar-se em dor, perda e angústia.

Santo Deus, como fora parvo.

Aceitara a oferta de projetar a Estância Cortez pela pior das razões. Para magoar a mulher que o magoara. Para lixar o meio-irmão que fora o ponto central de tanta merda na sua vida, que puxou com força e dessemearanhou os fios da sua vida. Afastando o seu pai. Desfazendo a sua família.

Agora aquela mulher significava tudo para ele e ele destruiria qualquer um que a magoasse.

Agora, aquele trabalho era a sua paixão, um projeto que já estava absolutamente formado na sua mente e traçado em esboços.

E, quanto ao irmão, não tinha mudado muito. Uma vez mais, era Damien Stark quem tinha o poder, quem conseguiria, num movimento rápido e violento, puxar o tapete de debaixo dos pés de Jackson.

Tudo porque ele queria um emprego.

Tudo porque ele amava uma mulher.

Tudo porque, para além de controlar tanto da porra do universo conhecido, Damien Stark também controlava o mundo de Jackson.

E o que Jackson temia nessa noite era que, quando Stark soubesse a verdade que lhe tinha sido escondida durante mais de 30 anos, se servisse do seu poder como de uma arma.

Mas Jackson era um lutador e, se irmão se virasse contra irmão, ele faria o que fosse preciso para ser o único vencedor.

— **B**oa noite, Joe — disse Jackson, enquanto atravessava a receção em direção ao balcão do segurança. Olhou de relance para o relógio e depois para o segurança com um sorriso aberto e o rosto enrugado. — Nunca vais para casa?

O sorriso de Joe abriu-se ainda mais e este bateu com o indicador na pala do boné da farda.

— O meu trabalho é a minha vida, Sr. Steele.

— Chama-me Jackson e, entre nós, acho que estás só cheio de ti próprio.

— É a mais pura verdade — disse Joe. — Claro, a minha mulher e as minhas três meninas também são a minha vida. E com o Natal a poucos meses... — Afastou-se com um encolher de ombros. — O que hei de dizer? Adoro fazer horas extraordinárias.

— O teu segredo está seguro comigo. — Apontou com o polegar na direção da zona de elevadores. — Podes deixar-me subir até ao apartamento? Tenho um encontro marcado com o Stark de manhã, mas não acho que deva esperar.

— Força — disse Joe, pressionando o botão na sua consola para chamar o elevador privado de Stark. — Eu ligo lá para cima. Se ele disser que não, será uma viagem muito breve.

— Certo — Jackson tossiu para limpar a garganta. — É justo.

Só quando entrou no elevador é que Jackson se apercebeu que os seus punhos se encontravam cerrados, como se estivesse prestes a bater



em alguém. Raios, talvez estivesse. Porque se Stark lhe dissesse para se ir embora e regressar na manhã seguinte, era provável que o punho de Jackson atravessasse o painel de madeira envernizada do elevador.

As belas tábuas de carvalho ficaram a salvo, contudo, quando as portas se fecharam e o botão para a *penthouse* se acendeu, um momento depois, e o punho de Jackson voltou a fechar-se, desta vez em torno do corrimão. Nunca tinha andado naquele elevador e tratava-se, claramente, de um expresso.

O elevador tinha duas portas e, tendo em conta o posicionamento do elevador no seu poço, Jackson sabia que as portas que fitava se abririam para a zona de acolhimento do escritório da *penthouse* privada de Stark.

O apartamento da Tower ocupava a outra metade do piso e, enquanto o elevador abrandava, Jackson virou-se e ficou de frente para as outras portas que, tal como esperava, se abriram para o *foyer* do apartamento.

A zona era luminosa e convidativa, decorada com gosto, mas sem exagero. Uma mesa de mármore no centro do espaço exibia um arranjo grande, mas não demasiado grande, de girassóis e de pincéis indianos, e Jackson sorriu, contra a sua vontade, perante a extravagância de flores selvagens, quando seria de esperar umas flores mais exóticas.

— Jackson! — Nikky contornou a parede que separava a entrada do resto do apartamento. Trazia umas calças de ganga e uma t-shirt dos New York Yankees e tinha o cabelo que lhe chegava aos ombros preso por uma fita. Apesar da falta de maquilhagem, estava absolutamente radiante e Jackson recordou-se que ela competira em diversas provas de beleza antes de se mudar para Los Angeles.

Aproximou-se dele com os pés descalços e deu-lhe um abraço amigável.

— É tão bom ver-te.

— Lamento intrrometer-me. Sei que deves estar cansada da tua viagem.

— Estou, sim — admitiu. — Mas o Damien não está. Está a atualizar-se com umas coisas de trabalho, a preparar-se para amanhã. Por isso, não estás a interromper nada. Anda — disse ela, avançando à sua frente. — Queres um café? Algo mais forte?

Ele sentiu-se tentado em beber outro *whisky*, só para abrandar um pouco. Mas a prudência sobrepôs-se e abanou a cabeça.

— Estou bem, obrigado.

Cinco segundos depois, já desejava ter aceitado a bebida. Porque Stark estava ali mesmo, a andar de um lado para o outro, em frente à parede de vidro, com a cidade a brilhar atrás de si.

E ali estava Sylvia, sentada na beira de uma otomana, com uma almofada no colo e uma caneta na mão a tomar notas detalhadas.

Estava de costas viradas para ele e tão absorta no seu trabalho que ainda não o tinha visto. Por um momento, ele não conseguiu fazer mais do que olhar fixamente. Tinha-a deixado há apenas algumas horas nua na sua cama, e não esperava vê-la novamente até aquele suplício com o seu irmão ter chegado ao fim. Por isso, vê-la naquele momento era um choque para os seus sentidos e, durante um instante, tudo o que conseguiu foi ficar de pé, como um idiota, cerrando os lábios com força para não chamar pelo nome dela. Fincou os pés no chão para não ir ter com ela. Forçou as suas mãos a permanecerem ao lado do corpo, para não a tentar alcançar e tocar.

Deve ter feito algum ruído ou talvez ela tenha, simplesmente, sentido a sua presença com a mesma força com que ele sentiu a dela, porque ela virou a cabeça de repente e a sua boca ficou com a forma perfeita de um pequeno O, ao mesmo tempo que a sua caneta lhe caía da mão.

— Jackson! Eu não... quer dizer, pensei... — franziu o sobrolho, ao mesmo tempo que interrompia as suas palavras.

Ele compreendia o dilema. Quando saiu do condomínio dela, ele disse-lhe para onde ia. No entanto, ela chegara muito antes dele. Provavelmente, presumira que ele tinha mudado de ideias e contava ouvir o porquê quando se voltassem a encontrar em sua casa.

Agora ali estava ele e ficaram ambos surpreendidos.

— ... há qualquer coisa que ele quer falar contigo, esta noite. — As palavras de Nikky infiltraram-se na mente de Jackson e este apercebeu-se de que ficara tão absorto a observar Sylvia que se desligara de tudo à sua

volta. — Estavas ocupado a encher a lista de afazeres da Syl — disse Nikky a Stark —, por isso deixei-o subir.

Stark virou as costas à janela, devolvendo o sorriso que Nikky lhe dirigia. Mas o sorriso desapareceu quando os seus olhos se cruzaram com os de Jackson.

— Pensei que o nosso encontro fosse de manhã.

— Isso é a reunião — disse Jackson. — Mas há coisas acerca das quais devemos falar agora.

Stark olhou para ele, durante um minuto, e depois acenou com a cabeça.

— Muito bem.

Atravessou a sala em direção a Sylvia e estendeu a mão para receber qualquer coisa. Os olhos dela viraram-se rapidamente para Jackson e ele conseguiu ver a tensão nos seus ombros, mas o seu profissionalismo nunca diminuiu enquanto ela alcançava um *tablet* que se encontrava perto dela, pousado sobre a mesa de centro.

Jackson perguntou-se se Stark teria visto os dedos dela tremerem ligeiramente enquanto navegava pelo ecrã do *tablet*. Mas ela aguentou-se.

O que ela não fez foi olhar para Jackson.

Passado um momento, entregou o *tablet* a Stark. Ele olhou de relance para o objeto passando-o em seguida a Jackson.

— Tiveste uns dias interessantes — disse, enquanto Jackson olhava para uma fotografia sua a ser levado, algemado, de casa de Reed.

Jackson deslizou os dedos pelo ecrã para ver o resto das imagens. Cobertura dos meios de comunicação social do país inteiro. Na sua maioria concentrados nele próprio — *Arquiteto estrela Jackson Steele detido!* —, mas alguns ligavam Stark e a Estância Cortez à sua história.

Manteve uma postura reta e uma expressão fria. Se Stark achava que ia conseguir irritar Jackson mostrando-lhe algo que Jackson já tinha visto, ia ficar extremamente desiludido.

— Vieste até aqui para me dizer porque é que passaste uma noite de sábado perfeita a espancar um realizadorzeco incompetente?

Jackson baixou a cabeça perante o insulto, mas como resposta disse apenas:

— Não. Nada disso.

Stark ergueu o sobrolho de modo quase impercetível e Jackson endureceu, preparado para receber o embate do famoso feitio do seu meio-irmão. Era, pensou secamente, algo que partilhavam. Mas tudo o que Stark fez foi abanar a cabeça, olhar na direção de Nikky e depois acenar com a cabeça.

— Muito bem. — Apontou para uma poltrona. — Senta-te.

— Estou bem em pé. Obrigado.

— Faz como entenderes. — Stark voltou a virar-se para a janela e manteve-se de costas para a sala. De onde Jackson se encontrava, era possível ver a cara de Stark refletida no vidro, as luzes da cidade disseminavam-se atrás de si. Era apropriado, presumia Jackson, uma vez que Stark era proprietário de metade do mundo e da maior parte de Los Angeles. — Isto tem potencial para se transformar numa grande merda — disse Stark. — Um pesadelo de relações públicas. Estou surpreso por ainda não termos a porcaria dos repórteres de um tabloide qualquer acampados à porta do edifício.

Jackson não disse nada. Stark tinha razão, portanto, o que haveria para dizer?

— Eles ligaram para mim. Raios, ligaram para a Sylvia — acrescentou, e Jackson virou-se de imediato para Syl. Os olhos dela pestanejaram encontrando os dele, tristes e um pouco perdidos, antes de o seu olhar descer novamente para o bloco de notas. Ela não lhe tinha dito que fora contactada pela imprensa e aquela nova realidade deu-lhe um nó no estômago.

— «Não comento» é a resposta oficial deste escritório — prosseguiu Stark. Virou-se para Jackson cravando nele os seus olhos, um de cada cor. — Mas isto só irá piorar. Essas são as más notícias. A boa notícia é que os escândalos não me assustam. Vivi com eles toda a minha vida. Nem o temperamento. Já me encontrei com Reed e só posso presumir que ele te chateou imenso. Acontece.

O canto da boca estremeceu, no que poderia ter sido um esforço para conter um sorriso.

— Detenção, escândalo, cobertura desconfortável da imprensa... nenhuma dessas coisas causa grande comoção por estas bandas, e não coloca o teu emprego em risco. A não ser que afete o teu trabalho. Por isso, diz-me, Steele. Esta merda irá afetar o teu trabalho?

— Não.

Stark hesitou, como se esperasse que Jackson elaborasse, parecendo aperceber-se depois de que Jackson dissera tudo o que pretendia. E porque não? No que dizia respeito à estância, aquela palavra solitária dizia tudo.

— O Charles disse-me que eles te vão fazer aceitar um acordo. Terás de realizar serviço comunitário ao longo dos próximos seis meses e acabarás por ficar com o cadastro limpo. Ele já falou com as pessoas do lado do Reed e do ministério público, e toda a gente concorda.

— Isso mesmo — Sylvia tinha falado com o advogado de Stark, Charles Maynard, mal soubera da detenção de Jackson, e Jackson tinha de dar os parabéns ao advogado por estar a fazer um trabalho dos diabos.

— É justo. A menos que já tenhas feito algum acordo, poderás realizá-lo na Stark Children's Foundation ou na S.E.F. — disse ele, referindo-se à Stark Education Foundation. Eram ambas organizações de caridade fundadas por Stark. A primeira oferecia terapia com base em brincadeiras e desportos a vítimas de abuso de menores. A segunda oferecia oportunidades educativas a pessoas com rendimentos baixos ou a crianças desafortunadas com aptidões na área das ciências.

— Eu... agradeço-te. — Jackson tentou não mostrar muita surpresa. Nem a reação de Stark à detenção nem a oferta para ajudar com o serviço comunitário eram algo que Jackson tivesse esperado de Stark. Por outro lado, Stark queria que o projeto para a estância decorresse calmamente e de modo eficiente. Por isso, ajudar Jackson fazia sentido.

— Não há problema — disse Stark. — Fico satisfeito por queres falar sobre isto o mais depressa possível, mas poderia, realmente, ter esperado até amanhã de manhã. Lamento informar-te, mas por aqui a infeliz cobertura da imprensa não é tão rara como eu gostaria que fosse. Mas acabará por passar.

Jackson olhou de relance para Sylvia, a qual continuava, muito deliberadamente, a não olhar para ele. Mas o seu alívio era claro na sua postura e na sua expressão facial.

Perto da janela, Stark olhou de relance para o seu relógio.

— Agora, se não te importas, eu e a Nikky tivemos um dia muito longo e eu gostaria de acabar o que falta com a Syl e deixá-la em paz. — Atravessou a sala em direção a Jackson com a sua mão estendida. — Mas foi bom ver-te e sei que passarás muito bem por esta tempestade.

Jackson hesitou, apertando depois a mão do seu irmão.

— Agradeço-te isso — disse. — Mas há mais uma coisa acerca da qual tenho de falar contigo. É pessoal.

— Muito bem. Sylvia? Podes dar-nos um momento?

— Não há problema. Ela pode ficar. A Nikky também — acrescentou, porque Stark, claramente, não tinha intenção de pedir à sua mulher que saísse.

— Muito bem — Stark olhou para Sylvia e acenou com a cabeça, provavelmente presumindo que Jackson pretendesse dizer-lhe, oficialmente, que ele e Sylvia tinham um caso.

— O que se passa?

— Jeremiah Stark.

— O quê, foda-se. Que tipo de confusão cozinhou ele agora?

— Nada, que eu saiba — disse Jackson. — Ele é o meu pai.

Nikky arquejou. Sylvia olhou para os sapatos.

Stark não se mexeu de todo.

E, pela primeira vez, Jackson arrependeu-se de não ter aceitado a oferta de Stark para se sentar, porque, de repente, sentiu que os seus joelhos perdiam a força. Provavelmente o resultado de todo o oxigénio estar a ser extraído da sala.

A expressão de Stark não se alterou. Os seus olhos não se arregalaram. A sua boca não se comprimiu. Ele não engoliu em seco. Permaneceu absolutamente calmo e completamente impossível de ler. E, naquele momento, Jackson soube exatamente como Stark conseguira reunir a sua fortuna de modo tão rápido. O homem tinha nervos de aço.

— Eu devia ter-to dito antes de ter abraçado o projeto — disse ele.  
— Mas é difícil abandonar velhos hábitos e este é um segredo que me foi dito para manter há cerca de trinta anos.

— Então, porque é que o revelaste agora? — a voz de Stark era tão fina como um fio.

Jackson olhou para Sylvia e desviou rapidamente o olhar.

— Porque chegou a altura.

— Estou a ver. — Passou um instante. Depois outro. E embora Jackson tentasse discernir o que o irmão estaria a pensar, não fazia a mínima ideia.

— Damien? — a voz calma de Nikky pareceu encher a sala.

Stark não se virou para ela. Manteve os olhos fixos em Jackson. E, enquanto Jackson o olhava, o rosto estreito e sem expressão voltava a tornar-se humano. Stark sorriu — não era um sorriso genuíno, mas sim o tipo de expressão que ele podia ter durante uma apresentação ao conselho de administração. Era uma expressão de controlo total e absoluto — e isso não revelava absolutamente nenhuma reação pessoal, fosse ela qual fosse.

— Agradeço-te o facto de mo dizeres — disse ele. — Agora, se não te importas, tens de ir embora. Tal como disse, foi um dia muito longo para mim e para a Nikky.

Jackson deu um passo em frente.

— Damien...

— Não — disse Stark e, desta vez, a palavra era dura, e aquela ponta de emoção revelou a Jackson o impacto que aquela bomba tinha tido no homem. — E é realmente a altura de te ires embora.

**O**brigo-me a continuar sentada enquanto Jackson se vira e se vai embora. Olho uma vez mais para os seus olhos, mas, tal como acontece com Damien, a sua expressão é impenetrável.

Ainda assim, tenho a certeza de que há dor atrás das máscaras dos dois homens e gostava que estivesse ao meu alcance tornar toda esta situação melhor para Jackson, cujo amor me é querido, e para Damien, por cujo respeito anseio.

No silêncio, ouço as portas do elevador fecharem-se, do outro lado do apartamento.

E como se o som fosse uma deixa, Damien vira-se para mim:

— Sabias?

Não há qualquer inflexão nas suas palavras e, apesar dos muitos anos em que já trabalho com ele — apesar do poder que já o vi brandir e dos rasgos de temperamento que testemunhei —, esta é a primeira vez que me sinto verdadeiramente nervosa junto do meu chefe.

— Ele contou-me no sábado.

O que não lhe digo é que foi por minha causa que Jackson foi até ao apartamento esta noite.

Assim que me contou o seu segredo, soube imediatamente que tinha de contar ao Damien, porque, de outro modo, também eu seria sobrecarregada com o seu segredo. E aquele não era o tipo de coisa que me sentisse confortável a não contar ao Damien.



O Damien não diz nada e, embora eu saiba que o seu silêncio é uma técnica tradicional para manter as pessoas a falar, espalho-me ao comprido na sua armadilha.

— Vi-o com o teu pai no evento de caridade do Michael Prado, na sexta-feira — disse, derramando as palavras. — E fiquei chateada porque ele disse-me que não conhecia o Jeremiah. Tivemos uma enorme discussão e — interrompo-me com um encolher de ombros. — Seja como for, ele disse-me.

O Damien e a Nikky sabem que o Jackson e eu somos um casal, mas isso não é algo sobre o que me queira debruçar neste momento. No que me diz respeito, agora mesmo, tenho de ser tão profissional quanto possível. Olho de relance para a Nikky. Tornámo-nos boas amigas e consigo ver a preocupação no seu rosto. Mas ela não diz nada e eu fico-lhe grata. Mais tarde ou mais cedo, todo este desastre poderá conduzir a muitas bebidas com os meus amigos. Agora, só preciso de me aguentar.

— Não estás metida em apuros, Sylvia — diz o Damien, e a faixa metálica que me apertava o peito solta-se um bocadinho. — Se passasse uma semana ou duas sem que eu soubesse a verdade, então teríamos de falar. Mas no que diz respeito ao teu emprego, não eras obrigada a falar-me disto até o Jackson ter a oportunidade de o fazer. E ele fê-lo, sem dúvida — acrescenta Damien, e há humor suficiente na sua voz para me fazer pensar que talvez (só talvez) tenhamos aguentado a tempestade.

— Obrigada — digo eu. — Agradeço que tenhas compreendido o quão estranha foi a situação. — Agarro-me ao bloco de notas, na esperança de não parecer demasiado desesperada por abandonar este tópico desconfortável. — Queres acabar agora?

Ele acena com a mão.

— Não há nada na agenda que não possa esperar.

— Muito bem. Ótimo. — Reúno rapidamente as minhas coisas e puxo a alça da mala para o ombro. — Fico contente por teres feito boa viagem.

— Realmente foi — diz a Nikky, e a sua voz parece tão tensa como eu sinto a minha. — Muito teatro da melhor qualidade.

— Bem, até amanhã. — Viro-me para me dirigir para o elevador, mas as palavras do Damien fazem-me estacar de imediato.

— Despede-o — diz o Damien, e sinto-me como se o chão tivesse desaparecido de debaixo de mim. — Amanhã bem cedo, quero que o faças.

Estou de costas voltadas para ele e fico imóvel durante um instante, incapaz de me mexer. Incapaz de respirar. Eu. Ele quer que eu faça isso? Retirar-lhe este projeto que o Jackson acabou por adorar?

A bÍlis sobe-me até à garganta e temo poder vomitar. Mas obrigo-a a descer, e depois, muito lentamente e com muito cuidado, viro-me para trás.

A expressão do Damien é dura e não há como negar a fúria contida nos seus olhos.

— Mas... mas a estância? — Apetece-me gritar que ele não me pode obrigar a fazer aquilo. Que eu não consigo despedir o Jackson. Raios, que ele não deveria despedir o Jackson.

Em vez disso, mantenho a calma. Aparento profissionalismo.

— Não parecerá bem. Haverá perguntas. A imprensa irá cobrir todos os ângulos.

— Acredito já ter tornado claro que o escândalo e a imprensa não me preocupam muito. Trataremos disso.

Passo a língua pelos lábios.

— Não queres falar acerca disso? — Arrependo-me imediatamente das minhas palavras. Estava a passar para o lado pessoal e naquele preciso momento acho que foi uma má decisão.

— Ele foi criado por Jeremiah Stark. — Damien quase cospe o nome. — Já esqueceste a sabotagem? Toda a merda com que lidámos para chegarmos até aqui com o projeto?

— Não, claro que não. Mas certamente não pensas...

— Não sei — diz Damien. — E é esse o cerne da questão. Quero cortar o mal pela raiz, Sra. Brooks. Trata disto logo pela manhã.

As palavras são uma despedida, mas eu não me vou embora.

— Então é assim? — afirmo. — A estância morreu?

— Talvez não — diz Damien. — Por acaso, o Glau telefonou-me, enquanto eu estava em Nova York. Não foi direto ao assunto, mas andou

o suficiente à sua volta para que consiga adivinhar que se arrepende de ter abandonado o projeto. Ao que parece, o Tibete não era aquilo que parecia.

— Mas...

— Tudo faremos para manter o projeto vivo — diz com firmeza.  
— Mas o Jackson Steele não fará parte dele.

Aceno com a cabeça porque sei que não devo discutir. Eu sabia que isto podia acontecer, raios. Assim que o Jackson me disse a verdade, soube que o Damien o poderia querer afastar o mais possível da Stark International.

Mas não quis acreditar que isso poderia realmente acontecer.

— Certo — balbucio. — Muito bem. Até amanhã. — Puxo a alça da mala para o ombro e volto a dirigir-me para o elevador. Nikky está na porta entre a área de estar e a entrada que conduz aos quartos. Olho-a nos olhos, enquanto passo, e ela consegue esboçar um pequeno sorriso, parecendo-se um pouco com alguém que acaba de testemunhar um acidente de automóvel e não tem bem a certeza do que fazer.

Quanto a mim, tudo o que quero fazer é sair dali, porque sei que a qualquer momento as lágrimas vão começar a jorrar. Ironicamente, porque até ontem, quando o Jackson me abraçou, eu não chorava há uma década. Agora, quase não consigo conter as lágrimas.

Primo o botão para chamar o elevador, esperando que as portas se abram imediatamente. Quando Damien se encontra em casa, o elevador está, normalmente, onde estiver o Damien. Mas, claro, o Jackson tinha-o levado para baixo e eu tive de esperar que ele subisse desde o átrio.

Vou mudando o pé de apoio constantemente, desejando que o elevador se apresse. Preciso de desaparecer.

Preciso de me encontrar com o Jackson.

Por fim, o elevador chega. Entro antes das portas se abrirem completamente e depois carrego com força no botão para que voltem a fechar-se. Estavam quase fechadas quando Nikky desliza, parando no exterior, e coloca a mão no espaço entre as portas, acionando a segurança e obrigando as portas a voltarem a abrir-se.

Entra no elevador comigo, depois inclina-se e pressiona o botão para a entrada do edifício.

— Queres falar?

Abano a cabeça. Ainda estou em modo de fuga e, ainda que a Nikky seja uma amiga, naquele momento não a consigo separar de Damien.

— Volta a falar com ele de manhã. Isto é tudo muito... inesperado — acaba por dizer, claramente à procura da palavra certa. — Dá-lhe algum tempo para digerir e ele talvez mude de opinião.

— Achas mesmo?

Ela hesita, depois ergue um ombro.

— Sinceramente, não sei.

— Achas que ele devia? — Quero imediatamente retirar o que acabara de dizer; estou a soar tão necessitada.

— Acho que depende dele — diz ela. — Mas se a decisão fosse minha, então sim, acho que ele deveria manter o Jackson no projeto. Raios, acho que ele deveria tentar conhecê-lo. Procurá-lo. Se são irmãos, então talvez devessem tentar ser irmãos.

Encosto-me à parede e olho para ela. Faz sentido. Porquê serem inimigos sem tentarem primeiro ser amigos, senão mesmo família?

— Vais-lhe dizer isso? Ou, pelo menos, sugerir que ele não deva despedir o Jackson?

Ela solta uma ligeira gargalhada.

— Hum, não. Nem por isso.

— Porque não, raios? — As minhas palavras são mais afiadas do que pretendo, mas, bolas, eu pensava que tinha encontrado uma aliada.

— Tu sabes porquê. Isto é entre o Damien, o Jackson e o Jeremiah. Tu e eu podemos ter as nossas opiniões, mas não depende de nós.

— Então partilha a tua opinião.

Por um momento, ela parece apenas triste.

— Vá lá, Syl, sabes bem que não posso. Se eu pedisse, o Damien mantê-lo-ia por cá. Sabemos as duas que ele o faria por mim. E eu não conseguiria viver com isso entre nós.

Eu sei que ela tem razão. Há muito pouco que o Damien não faça pela Nikky e é uma demonstração da força da sua relação que ela entenda a responsabilidade que isso coloca sobre os seus ombros.

Ainda assim, a sua resposta faz-me sentir frustrada.

— Então e eu? E se eu lhe pedir para ele manter o Jackson como um favor pessoal?

— Podes tentar, mas eu não teria grandes esperanças. A amizade significa muito para ele, mas a honestidade e a integridade profissional significam mais. O Jackson já lhe devia ter dito a verdade há muito tempo. E devia, sem dúvida, ter-lhe dito antes de abraçar o projeto.

— Eu sei. Raios, o Jackson sabe. Mas era uma merda de uma situação para se estar.

O elevador chega à entrada e as portas abrem-se. Eu saio e a Nikky pousa a mão na porta para a impedir de fechar, permanecendo no interior.

— A verdade é que se o pai deles não fosse Jeremiah Stark, isto podia passar. Mas assim... — A frase perde-se num encolher de ombros. — Bem, vai ser tempestuoso.

Eu suspiro, de repente sinto-me mental e fisicamente exausta.

— Sinto que o Damien também me está a castigar — admito. — Obrigando-me a ser eu a despedi-lo.

— Não — diz Nikky com firmeza. — Não acho. Acho que é o modo de ele garantir que ainda queres o emprego e toda a merda que faz parte de se ser diretor de projeto. Ele sabe que vocês os dois estão juntos e isso significa que ele sabe que tu poderás não ficar se o Jackson se for embora. Ficas?

O meu estômago contorce-se, porque sim, eu fico. Esta estância é o meu bebé — o meu projeto. Eu sugeri-o ao Damien. Concebi-o. E estou imensamente grata por ele me ter dado uma verdadeira hipótese de progredir na empresa ao deixar que divida o meu tempo entre ser a sua assistente e ser a diretora de projeto da Estância Cortez.

Por isso, sim, eu quero este emprego. Eu quero a estância. Eu quero o Jackson.

Que Deus me ajude, quero tudo.

E não faço a menor ideia se conseguirei, sequer, chegar a ter — ou a manter — seja o que for.

Onde estás?

Olho de relance para a mensagem que enviei a Jackson, enquanto espero que Joe verifique as bases informáticas que registam as entradas e saídas de veículos da garagem.

Já passaram bem mais de três minutos e não recebi qualquer resposta.

Escrevo mais uma mensagem — ??? — e sou respondida apenas com um silêncio cibernético.

— Alguma coisa? — perguntei a Joe.

— Nada — diz Joe, franzindo o sobrolho ao monitor. — Ele não usou o cartão dele para aceder à garagem hoje.

— Isso não faz sentido. Eu sei que ele foi até lá. — E também sei o quanto Jackson adora o seu *Porsche* preto, clássico e ágil. Não consigo imaginá-lo a estacionar o carro na rua, na baixa de LA, depois de escurecer.

— Talvez ele tenha estacionado na estação de metro e descido a rua a pé?

— O que o faz pensar isso?

— Falei com ele, antes de ter subido para ver o Sr. Stark. Entrou por ali mesmo — acrescentou Joe, apontando para as portas de vidro que se abriam para a praça em frente ao edifício e para a South Grand Avenue para lá dela.

Penso naquela pequena informação.

— Bem, viu-o sair?

— Desculpe, menina Brooks. Não o vejo desde que chegou.

Franzo o sobrolho, perguntando-me se Jackson, afinal, não terá saído do edifício. Estava à espera que ele quisesse fugir, tão depressa quanto possível — eu queria. Mas Jackson não é como eu, e inspiro enquanto penso se deveria subir ao seu espaço de trabalho no vigésimo sexto piso. Por um lado, ele não esperou por mim, e não respondeu às minhas mensagens. Todas as provas sugerem que ele queria estar sozinho, algo que compreendo.

Por outro lado, o que ele quer pode ser o fator mais importante. Não há muito, ficara francamente furiosa com ele, e também tinha preferido ficar sozinha. Mas Jackson seguiu-me para se assegurar de que eu estava bem.

E, neste momento, estou com um medo terrível de que Jackson esteja muito, muito longe de estar bem.

Agradeço a Joe pela sua ajuda, depois instalo-me num dos bancos em couro e cromado existentes no átrio. Envio mais uma mensagem, depois faço figas, literalmente.

Não ajuda, e depois de me ter obrigado a ficar sentada e a esperar durante cinco minutos, tomo uma decisão. Talvez seja egoísta, mas quero vê-lo. Não, *preciso* de vê-lo. Preciso de saber que ele está bem.

Mais do que isso, preciso de saber que nós estamos bem. Apesar de toda esta porcaria, Jackson e Sylvia vão ficar bem.

Está escuro quando saio no vigésimo sexto piso, a única iluminação do piso é concedida pelas luzes da cidade que entram através das janelas. O piso só está meio ocupado, pelo que há muito poucos gabinetes e cubículos. Trata-se, no fundo, de um quadrado gigante com paredes de vidro e, por isso, o espaço está razoavelmente iluminado, como se andasse sob o brilho da lua cheia.

Dobro a última esquina e vejo as paredes de vidro recentemente levantadas que definem o espaço de trabalho de Jackson. Ele está de pé, junto à janela, e apercebo-me da semelhança entre a sua postura e a de Damien quando, mais cedo, olhava para a cidade.

Vejo Jackson apenas como uma silhueta. Os seus ombros são quadrados, o seu corpo está rígido. De onde estou, não consigo ver o reflexo

do seu rosto, mas consigo imaginá-lo com toda a clareza. O cabelo preto brilha na luz refletida. O maxilar cinzelado está tenso de raiva. E os seus olhos azuis, frios como gelo.

Começo a avançar na sua direção, mas mudo de ideias. Em vez disso, saco do telemóvel mais uma vez.

*Se precisares de mim, estou à porta do teu gabinete.*

Hesito, não sabendo ao certo se estarei a fazer a coisa certa. E depois, mais uma vez, carrego em enviar.

Ouço o telefone dele a tocar quase de imediato. Observo, enquanto ele saca do telemóvel. Enquanto ele lê a mensagem. Enquanto o volta a deslizar para o bolso.

Mas ele não vem, e à medida que os segundos vão passando, aquela faixa metálica volta a apertar-se em redor do meu peito, e tenho medo — tenho tanto medo — que não sobrevivamos a isto. Porque se ele não consegue vir ter comigo agora, quão pior será quando eu tiver de desferir o golpe de misericórdia?

Fico durante um segundo, dois segundos, mas depois não aguento mais, viro-me, tentando com afincos não chorar e não correr. Procuro andar devagar e cautelosamente, como se o seu coração não tivesse aberto um buraco no meu peito.

Já tinha dado dois passos quando o ouvi, a voz tão baixa que quase se perde no zumbido do ar condicionado.

— *Se eu precisar de ti?*

Estaco, os ombros estão rígidos, os olhos fechados com força para evitar que transbordem. E depois, quando tenho a certeza de que serei capaz de aguentar sem me desfazer por completo, viro-me para olhar para ele.

Ele enche a porta, este homem maior do que a vida, que, neste momento, vibra com tantas emoções selvagens que é de espantar que não rebente sob a tensão de todas elas. Mas apesar de tudo — apesar do perigo e da frustração que dele rolam em ondas — é o calor que vejo nos seus olhos que parece impeli-lo a avançar. Um calor familiar, selvagem — e é dirigido a mim, por inteiro.



— Se eu precisar de ti? — repete, ao mesmo tempo que avança na minha direção, todo ele força, poder e determinação. — Credo, Sylvia, ainda não percebeste que eu preciso sempre de ti?

Ele está a poucos centímetros de mim, mas não me toca, e essa pequena omissão parece, de súbito, a coisa mais importante e mais terrível do mundo.

Quero chegar até ele, mas em vez disso deslizo as mãos para os bolsos da minha saia. Temo que ele se afaste, e tenho a certeza absoluta de que não seria capaz de sobreviver a um tal gesto.

— Não respondeste às minhas mensagens.

— Respondi — diz ele. — Respondi a todas elas, e depois apaguei a merda das respostas. Estou em frangalhos, querida, e não pensei que quisesse estar comigo assim.

— Jackson — sussurro, ao mesmo tempo que me aproximo, posta em movimento pela força da minha crença. — Não sabes já que quero estar sempre contigo?

A minha pele arrepia-se, como se as emoções que saltam entre nós estivessem a gerar energia, a eletrificar o ar como uma trovoadas. Durante um momento, ele não diz nada, mas observo-o, enquanto o seu peito sobe e desce ao ritmo da sua respiração.

— Maldito — acaba por dizer Jackson, e sinto um aperto no estômago. Está a praguejar contra o homem que o afastou. Que se mostrou frio e insensível, quando confrontado com a notícia de que tinha um irmão. Mas quão pior seria quando ouvisse o resto? E o facto de ter de ser eu a desempenhar o papel de mensageira tornará as coisas mais fáceis ou mais difíceis de suportar?

Estendo a mão para ele, como que para acalmar uma ferida que ainda não infligi. O toque parece espoletar algo dentro dele, e ele puxa-me para mais perto.

— Syl... Oh, credo, Syl.

O meu nome é abafado pela boca dele sobre a minha. Derreto-me de imediato, a surpresa dando lugar ao puro e doce alívio de ser reclamada por este homem. De ser usada por ele. Desejada por ele.

De ser, simplesmente, dele.

O beijo é brutal. Duro. Os dentes entrechocam-se. Os línguas digladiam-se. E sim, sinto o gosto do sangue. É como se ele precisasse de me consumir, de provar a si mesmo que eu sou real, que estou aqui e que, aconteça o que acontecer, não vou a lado nenhum.

Algures no fundo da minha mente, sei que preciso de lhe dizer o resto — que tenho de desferir aquele último golpe fatal —, mas ainda não consigo encontrar as palavras. Não consigo arriscar a permitir que ele me deixe. Que ele se afaste de mim, os olhos carregados de repulsa em vez de desejo.

Por isso, afasto a realidade e perco-me na fantasia de que estamos bem. De que não se passa nada.

De que nada nos pode voltar a separar. Nem mesmo a vontade de ferro de um homem como Damien Stark.

Ele interrompe o beijo, afastando-se e respirando com dificuldade. Os nossos corpos estão apertados um contra o outro e o meu peito lateja com o bater violento do meu coração.

— Preciso de ti — diz ele, e não consigo fazer mais do que anuir com a cabeça e sussurrar «sim», o meu corpo húmido de alívio e desejo.

A boca dele volta a reclamar a minha, mas desta vez as mãos dele agarram nas minhas ancas e ele ergue-me. Prendo as pernas em redor da cintura dele, enquanto me carrega para o seu gabinete. Sinto-me sem peso e louca e, Deus me ajude, quero ser usada. Quero ser a ponte — a coisa que o arranca das garras da raiva e o traz de volta para mim.

Arquejo quando ele nos encosta, violentamente, contra o estirador. O meu traseiro está apoiado nele, mas está inclinado, e mantenho as pernas à volta dele para não escorregar. Inclino-me para a frente e ataco a camisa dele, libertando cada botão com movimentos abruptos, obrigando-me a não lhe arrancar a maldita peça de vestuário. Quero sentir a pele dele por baixo da minha mão, o calor a acumular-se dentro dele, a aproximar-se cada vez mais de uma violenta explosão.

Ele não é tão simpático. Abre-me a camisa com um puxão, lançando os botões pelo ar e expondo o meu *soutien* rosa pálido. Inspiro

repentinamente, a ferocidade das suas ações deixam o meu sexo tenso de desejo cru, selvagem. Estou molhada, tão desesperadamente molhada, e aperto as pernas com mais força em torno das ancas dele, não desejando mais, naquele momento, do que senti-lo contra o meu sexo e do que sentir a pressão da sua boca no meu seio.

— Por favor — digo, enquanto ele me baixa o *soutien* para libertar os seios. Ele curva-se sobre mim, encurralando-me entre o seu corpo musculado e o estirador de madeira, duro. Ele arrasta os dentes ao de leve sobre os meus mamilos. Gemo, as minhas ancas agitam-se numa dança sensual que se torna mais frenética à medida que ele lambe e suga, e os meus mamilos enrijecem dolorosamente em resposta às suas atenções.

Todo o meu corpo parece ligado pelos fios cruzados de uma rede escaldante, dos meus seios aos meus lábios, passando pela minha barriga, pela pele suave do interior das coxas, e pelo meu sexo húmido e carregado de desejo.

— Jackson.

O seu nome é um gemido, forçado a escapar dos meus lábios por arquejos de prazer, ao mesmo tempo que arqueio o corpo contra a sua boca, os meus seios, tão loucos pelo seu toque, doem.

Ele ergue a cabeça, fazendo-me sentir despojada. As carícias sensuais do ar frio contra os meus seios agora húmidos são como uma provocação e, raios, quero mais. Quero suplicar, mas não consigo mais do que um gemido, e agarro-me ao estirador em busca de apoio, enquanto me esfrego desavergonhadamente contra ele, desejando aumentar a pressão contra o clítoris, ao mesmo tempo que lhe imploro silenciosamente que me penetre de uma vez.

Estamos ambos descontrolados. Loucos. Não se trata de sexo ou de amor ou mesmo de paixão. Trata-se de desejo. Trata-se de libertação.

Trata-se de tomarmos o que precisamos um do outro. Com força e depressa e muito, muito profundamente.

As mãos estão na minha saia e ele está a erguê-la até esta não passar de um anel de linho em redor da minha cintura. Ele abre o resto da minha

camisa, e os músculos do meu estômago ficam tensos, ao mesmo tempo que o ar fresco desliza pela minha pele quente. A boca dele volta a instalar-se entre os meus seios, e contorço-me por baixo dele, enquanto ele traça um caminho de beijos até ao meu abdómen, a minha pele torna-se tensa e arrepiada a cada toque erótico.

Quando ele chega ao meu umbigo, mergulha a língua no orifício, e eu sugo o ar por entre os dentes, ao mesmo tempo que o meu corpo se contorce em resposta a esta inesperada zona erógena. Ele continua a descer, quebrando o contacto apenas para ultrapassar o tecido amarfanhado do que foi outrora a minha saia, mas que agora não passa de uma barreira hedionda entre a minha pele e a sua boca.

Por um momento nada sinto a não ser a suave pressão das suas mãos nas minhas ancas, a manterem-me no mesmo local. Começo a erguer a cabeça, mas um simples «Não» faz-me parar.

— Por favor — imploro.

— Por favor, o quê? — Ouço a provocação na sua voz e não consigo evitar responder-lhe com um sorriso.

— Fode-me. — O simples facto de dizer aquelas palavras deixa-me ainda mais molhada. Tenho a certeza de que as minhas cuecas estão ensopadas... mais do que isso, tenho a certeza de que ele consegue ver precisamente o quão excitada estou. Em vez de me envergonhar, contudo, esse pensamento deixa-me ainda mais excitada, e abro as pernas um pouco mais numa admissão silenciosa. *Quero-te, Jackson. E, oh, meu Deus, preciso de ti.*

Ele exala, e o som que emite é simultaneamente uma confissão e uma sedução. Derreto-me em resposta, a minha mente e o meu corpo cedem por completo ao seu toque. Ele ajoelha-se entre as minhas pernas, a sua boca ao nível do limite inferior do tampo inclinado do estirador — e do meu sexo. A sua respiração suave provoca-me, como a mais sensual das promessas. E quando os lábios dele começam a brincar com a pele macia do interior das minhas coxas, tenho de virar a cabeça e morder o lábio inferior para refrear a corrente louca de desejo que ameaça abalar-me até ao fundo de mim.

Enquanto a boca dele se mantém ocupada na minha perna, uma das mãos deslizou para as minhas cuecas. Ele afasta o tecido fino e húmido que forma um pequeno chumaço, depois desliza o polegar sobre mim. Não me penetra e o meu corpo aperta-se, protestando contra a sensação recusada.

A boca dele aproxima-se do meu centro e, sem qualquer aviso, pega nas minhas pernas e levanta-me, de tal modo que deslizo mais um pouco sobre o estirador, ao mesmo tempo que ele dobra os meus joelhos por cima dos seus ombros, alinhando-me com a sua boca; e eu estou aberta sobre a sua mesa de trabalho, a saia levantada e as mãos a agarrar os lados da secretária numa defesa fútil contra este assalto aos meus sentidos.

Continuo com os sapatos calçados — um dispendioso par de sapatos de salto alto que comprei numa recente fúria esbanjadora — e esse pormenor faz-me tomar consciência do que estamos a fazer. E de onde o estamos a fazer.

— Jackson... oh, céus, Jackson, para. — A língua dele desliza pelo elástico das minhas cuecas. — As paredes... o vidro. Qualquer um pode ver.

— Deixa que vejam.

As palavras dele são pouco mais do que um rosnido e, mal as pronuncia, a sua boca volta a cobrir-me. Usa o dedo para afastar o tecido das cuecas e ataca-me com a sua língua. Estremeço de excitação — tanto pela forma como ele me provoca diabolicamente, como pela possibilidade de sermos apanhados. Escassa, eu sei, tendo em conta que este piso é usado apenas por Jackson e nem sequer está terminado. No entanto, mesmo que aquele piso fervilhasse de movimento, não sei se me teria conseguido afastar. Nem se o desejaria fazer. Já avançámos demasiado. Estou demasiado perdida.

Não quero saber de mais nada para além de o possuir. De me submeter a ele. De me entregar completamente a Jackson, este homem que sempre foi capaz de me levar para onde eu nem sequer sabia que queria ir... mas nunca para tão longe que eu não fosse capaz de encontrar o meu caminho de volta para o familiar.

E agora estou de tal maneira sensível e próxima que preno os calcanhars um no outro e o puxo contra mim, querendo-o com mais força. Mais fundo.

Ele leva-me até ao limite — a minha mente redemoinha, o meu corpo contorce-se — e depois afasta-se suavemente.

— Jackson... o que... não. Não pares. Por favor, não pares.

Ele ri, o som deveras conhecedor e sensual.

— Não te preocupes, querida. Não tenho a menor intenção de parar.

Suavemente, ele desliza as minhas pernas dos seus ombros, enquanto se levanta, depois indica-me que as prenda em redor das suas ancas. Assim faço, e sou recompensada pelo som erótico da sua braguilha a ser aberta.

— Tenho de te penetrar.

— Sim. Oh, sim. — Abro as pernas, acolhendo-o. Precisando que ele me encha. Que me complete.

Ele está firme e grosso, mas estou tão molhada que ele me penetra com facilidade. As mãos dele estão na minha cintura, e eu faço força contra ele, depois envolvo-lhe o pescoço com os meus braços, de tal modo que o meu traseiro fica encostado à beira do estirador e os meus seios tocam provocadoramente no seu peito, enquanto nos movemos em conjunto, num ritmo louco e primitivo.

Ele abre a boca, como se fosse dizer o meu nome, mas não quero palavras. Só o quero a ele, e apodero-me da sua boca com um beijo violento, enchendo-o com a minha língua, tal como ele me enche com o seu pénis.

Preciso disto e sei que ele também precisa. Desta ligação. Desta união. É poder e força e solidariedade. É a prova de que podemos passar por tudo o que aconteceu e irá acontecer. Que podemos suportar a tempestade que se avizinha.

É tormento e prazer.

E temo o momento em que este interlúdio termine e eu tenha de libertar um outro tipo de tempestade.

Ele está profundamente dentro de mim, a gravidade ajuda cada estocada e o polegar vai provocando o meu clitoris em harmonia com os seus

movimentos. Estou perdida — estou a derreter-me. Consciente apenas de como ele me faz sentir — louca e perdida e tão terrivelmente insaciável.

Mas ao mesmo tempo que ele me penetra — ao mesmo tempo que a euforia me leva cada vez mais alto e me apercebo que se trata de uma união de que precisamos desesperadamente — há algo que contrabalança tudo aquilo. Que me puxa de volta à realidade.

— Jackson. — Arquejo o seu nome. — Jackson, para. Tenho de... oh, meu Deus.

Ele mexeu-se e agora empurra-me de novo contra o estirador. Ao fazê-lo, ergue um dos meus joelhos na direção da minha cintura, de tal modo que me abro ainda mais e ele fica ainda mais dentro de mim. Inclina-se sobre mim, alterando o ângulo de penetração, de tal maneira que a sua pélvis esfrega o meu clítoris a cada estocada, deixando uma mão livre para segurar o meu traseiro e para me manter imóvel, enquanto ele me penetra uma e outra vez, com tanta força e velocidade que qualquer noção tola que eu tivesse de conseguir que ele parasse é vigorosamente afastada da minha mente.

— Vem-te comigo — rosna. — Raios, Sylvia, quero que te venhas comigo.

Arqueio o corpo, agarrando-lhe o ombro com uma mão, ao mesmo tempo que, com a outra, aperto a beira do estirador. Ele lança-se contra mim, o corpo rígido quando se liberta. Mas é o seu rosto, aberto e selvagem, de desejo indisfarçável, que me lança para o abismo, e grito quando o orgasmo se abate sobre mim, uma e outra vez, como um mar batido pela tempestade.

Ainda estou a respirar com dificuldade, ainda estou a tremer sob as ondas da paixão, quando ele cai sobre mim, o rosto enterrado no meio dos meus seios. Prendo as pernas com mais força em redor da sua cintura, de modo a não deslizar, mas a verdade é que me quero mexer. Estou irrequieta agora. Culpada.

Tomei este momento — este prazer — sob falsos pretextos, e agora não sei o que fazer ou como corrigi-lo. Tudo o que sei é que tenho de me

mexer. Que tenho de o tirar de cima de mim, porque esta posição é demasiado íntima e demasiado frágil para suportar o peso da minha culpa.

— Jackson — ergo a sua cabeça. — Preciso de me levantar. As minhas costas. — A mentira é fácil, e sinto mais um toque de culpa quando a testa dele se franze de preocupação e ele me ajuda a descer do estirador, e até fecha a minha camisa rasgada, enquanto eu puxo a saia para baixo.

— Fico feliz por não teres desistido — diz ele. — Fico feliz por teres vindo à minha procura.

— Eu... — As palavras parecem ficar presas na minha garganta, mas tenho de prosseguir. Tenho de deitar isto cá para fora. — Há algo que já te devia ter dito. Que te devia ter dito mal te encontrei. Mas não disse — tentei, olhando para o chão. — Não disse, e lamento.

Não estou a fazer sentido. E enquanto lanço estas palavras sem significado, percebo que Jackson e eu estamos na mesma situação difícil. Eu deveria ter desferido o golpe na primeira oportunidade. E ele devia ter feito o mesmo com a sua revelação acerca do Damien.

— O que foi? — Ele pega no meu queixo e inclina suavemente o meu rosto para o seu, de tal modo que tenho de o enfrentar, ou serei obrigada a evitar deliberadamente os seus olhos. — O que é que se passa?

— É o Damien — digo, e vejo enquanto a sua expressão se torna mais rígida à minha frente. — E é a estância.

Ele nada diz e, por uma qualquer razão, isso torna as coisas ainda mais difíceis. Mas tenho de fazer isto e continuo, inspirando fundo em busca de coragem e acabando por dizer tudo de uma vez.

— Foste despedido, Jackson. O Damien disse que eu tinha de te despedir do projeto.

*O sacana.*

O maldito *sacana* de merda com a mania que é Deus.

— Despedido? — repetiu Jackson, embora soubesse muito bem que tinha ouvido perfeitamente. — O quê? O grande Damien Stark não teve coragem de o fazer pessoalmente? Tinha de te sobrecarregar?

Ela deu um passo na sua direção, a mão esticada.



— Jackson, ele...

— *Não*. — Ele abanou a cabeça. — Nem sequer quero ouvir.

Durante toda a vida de Jackson, tudo o que Damien quis, Damien conseguiu. E a maior parte das vezes, conseguiu-o às custas de Jackson.

Damien queria um pai? Muito bem, ficou com o de Jackson.

Queria tempo? Também não havia problema. Porque Jeremiah não era capaz de se manter por perto, quando o pequeno Damien precisava dele.

Oportunidade? Porque não deitar a mão a tudo o que lhe aparecia pela frente, tal como fizera em Atlanta, e porque haveria de se preocupar com o facto de as suas manipulações dissimuladas lixarem toda a gente?

E agora, Damien queria que ele desaparecesse, pois Deus não permitiria que a revelação de Jackson lhe pudesse provocar o mais pequeno inconveniente.

— *Merda*.

Agarrou na primeira coisa que viu — um copo de plástico cheio de lápis — e atirou-o para o outro lado da sala. O copo bateu contra a janela e os lápis saíram a voar, saltitando contra o vidro como pequenas lanças.

Ao seu lado, Sylvia encostou-se ao estirador onde ele se enterrara nela momentos antes. Os olhos dela estavam muito abertos e ele conseguia ver o peito dela a subir e a descer, enquanto ela o observava, receosa, como se temesse que ele pudesse explodir de repente.

Por outro lado, não o tinha feito já?

Inspirou fundo, depois deslizou os dedos pelo cabelo. Credo, era um idiota.

— Syl — disse, depois sentiu que o estômago se contorcia em nós, ao ver uma lágrima que lhe serpenteava pelo rosto.

*Oh, raios. Oh, merda.*

Fora ele quem fizera aquilo. Fora ele quem a assustara. Fora ele quem a magoara. E, antes disso, fora ele quem a comera.

E ali estava ele, a praguejar contra Damien por ter sido um idiota?

Que raio se passava com ele?

— Desculpa — disse. — Credo, lamento tanto.

A boca dela moveu-se, como se fosse dizer o nome dele, mas não emitiu som algum. Tanto melhor, porque naquele momento, o nome dele nos lábios de Sylvia tinha o poder de o destruir. E ele já estava partido ao meio.

Por um momento, limitou-se a olhar para ela. Sylvia deixou-se ali ficar, a boca ligeiramente aberta, como se estivesse à procura da palavra mágica capaz de corrigir tudo. Os lábios dela estavam inchados, o cabelo despen-teado. Mantinha a camisa fechada com uma mão, porque o idiota tivera de lhe rasgar a roupa.

Maldição. Maldição infernal.

Ele continuava com o casaco do fato vestido, e retirava-o agora, pou-sando-o nas costas de uma cadeira próxima.

— Lamento muito pela tua camisa — disse. — Lamento por tudo.

E depois, sem olhar para trás, virou-se e saiu da sala.

# ELA NUNCA PENSOU QUE FOSSE PERDER O CONTROLO DA SUA VIDA, MAS O DESEJO DELE LEVOU-A À LOUCURA.

«Parte de mim acha que o devo seguir — que devo ir atrás dele e tomá-lo nos meus braços, segurando-o depois como se fosse uma criança, beijando-o e murmurando palavras doces até a dor desaparecer. Agora, as coisas mudaram.»

Poderoso, ambicioso e extraordinariamente sexy, Jackson Steele era diferente de qualquer outro homem que Sylvia conheceria. Ele sempre teve tudo o que quis na vida e quando foi a jovem o alvo do seu desejo era óbvio que esta não conseguiria resistir-lhe.

Tanto Jackson como Sylvia têm segredos, e as histórias do passado ameaçam seriamente o presente de ambos. A redenção chega na paixão e no desejo que os une, mas será isso o suficiente para que Sylvia se entregue plenamente a este homem poderoso? Será ela capaz de confiar em alguém pela primeira vez?

*Recebe-me* é uma história ardente,  
que tem por grandes protagonistas  
a paixão e o desejo.

LEIA ALGUNS DOS OUTROS SENSUAIS TÍTULOS DA AUTORA:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20120 editora

ISBN 978-989-8843-81-4



9 789898 843814

Romance Erótico